

Giuseppe Marc'Antonio Baretti, 1760¹

«E é assim, entre a devoção e o prazer, que os portugueses vivem.»

Giuseppi Marc'Antonio Baretti foi um dos primeiros estrangeiros a visitar Portugal depois do terramoto. Nascido em Turim em 1719, a família desejava que seguisse a carreira da advocacia, mas ele recusou-se, tendo preferido a Literatura². Aos 16 anos, após conflitos com o pai, deixou a terra natal, refugiando-se na região da Emília-Romana, onde encontrou um emprego numa casa de comércio, o que lhe dava tempo para fazer aquilo de que gostava: escrever. A certa altura, as suas críticas relativamente a alguns intelectuais italianos tornaram-se tão severas que teve de abandonar o país, tendo, durante alguns anos, vagabundeado pela Europa.

Acabou por se radicar em Londres, onde viria a atingir a celebridade. Uma vez instalado, tornou-se amigo de algumas personagens importantes e, a certa altura, até foi nomeado secretário da Royal

1 Em todos os casos, pus à frente a data da estada em Portugal

2 Turim era então a mais importante cidade do Piemonte, a região onde, no século XIX, nasceria o chamado *Risorgimento*, isto é, o movimento que desembocou na unificação da Itália. Na altura em que Baretti nasceu, Turim era governada pela Casa Real de Sabóia. Em 1720, Vítor Amadeu II de Sabóia, tornou-se rei da Sardenha e, depois, o seu descendente, Vítor Emanuel II, viria a ser o primeiro rei da Itália unificada. Este processo completou-se com a anexação de Roma, a capital dos Estados Pontifícios, em 20 de Setembro de 1870. Há muito que Turim era uma cidade que se destacava pela sua cultura, o que é importante ter em mente a fim de entendermos as atitudes de Baretti.

Academy of Arts. Em 1769, viu-se envolvido num escândalo com prostitutas que terminaria na morte de um homem, cujo assassinato negou. Baretto era um anglófilo, tendo dito que preferia mil vezes ser julgado por um júri britânico do que por um tribunal no seu país. Durante as audiências em tribunal, teve como testemunhas abonatórias gente tão famosa quanto Sir Joshua Reynolds, Edmund Burke e Samuel Johnson, acabando por ser declarado inocente. O último, de quem se tornaria amigo íntimo, foi uma das pessoas que mais o incentivaram a escrever: «Foi ele quem me persuadiu a que diariamente escrevesse o que vi, sem omitir os pormenores mais insignificantes; foi ele que me indicou os assuntos que mais poderiam satisfazer a curiosidade e o agrado do futuro leitor.» Baretto morreu, em paz e sossego, em 1789.

O seu primeiro trabalho importante foi *Italian Library* (1757), um catálogo da vida e obras de vários escritores italianos, após o que se seguiu *Lettere Familiari a Suoi Tre Fratelli Filippo, Giovanni e Amedeo*, a obra em que descreve, entre outras, a sua passagem por Portugal³. Em Espanha e França, o livro foi bem recebido, tendo sido igualmente editado em inglês. Detenhamo-nos no que nos conta sobre Portugal.

Baretto chegou a Lisboa, vindo de Plymouth, durante o reinado de D. José, em 31 de Agosto de 1760. Antes de desembarcar, tomou algumas notas: «Nem valerá a pena dizer-vos que os portugueses (tendo em mente o rei e o povo) são muito ricos no que a oiro e jóias diz respeito. Contudo, a sua riqueza não deriva do que se produz em Portugal, mas provém das suas colónias ultramarinas.» Após o que afirma: «No que diz respeito a Portugal propriamente dito, poucos são os produtos que lança no mercado, uma vez que as suas manufacturas são de pouca relevância. Os únicos produtos que estão acessíveis em quantidade são as laranjas, os limões e o vinho». Dizia

3 As suas obras completas seriam editadas em Milão em 1838. Ver Giuseppe Marc'Antonio Baretto, *A Journey from London to Genoa through England, Portugal, Spain and France* (fac-símile do original com data de 1760), vol. 1. A edição inglesa está expurgada das apreciações mais agressivas relativamente a Portugal, uma vez que, na altura em que a obra apareceu em italiano, o embaixador de Portugal em Londres, Freire de Andrade, havia protestado. Não só o editor inglês se recusou a publicar o volume seguinte das *Cartas*, mas as próprias autoridades se prestaram a impedir a circulação do livro, o que levou Baretto a ser mais comedido. Ver Castelo Branco Chaves, *op. cit.*

ainda: «Os portugueses desejam os produtos que a indústria inglesa é capaz de produzir e os ingleses querem o ouro que os portugueses retiram do Brasil e é assim que, desta forma, estas duas nações conduzem os seus negócios.»

Vista do navio em que aportava, a parte ocidental cidade pareceu-lhe bonita, opinião que, como veremos, iria ser alterada. À saída do navio, encontrou um criado francês que o servira em Londres, o Baptista, que o acompanhará ao longo da sua estada. Foi ele quem o conduziu a uma estalagem, construída já depois do terramoto, e situada na parte mais salubre da cidade, a colina de Buenos Aires.

Uma vez em terra, deparou-se com uma cidade em ruínas e com a maioria da população a viver em barracas. Como outros, antes e depois, achou as ruas da capital «indecentemente sujas», o que atribuiu ao facto, igualmente mencionado por outros visitantes, de a maior parte dos lisboetas atirarem «pelas janelas as quotidianas imundices». Detestou a tourada a que assistiu: «Muito me escandalizou ver tantos cristãos, e especialmente padres, contemplarem um divertimento de tanta crueldade justamente no dia santo de domingo.» Relata pormenorizadamente o que se passara com um incidente que não vi referido noutras descrições, o de uma luta entre negros e índios, que lhe pareceu um combate entre gladiadores na Roma antiga: «Oito pretos de África entraram na praça ao lado de oito índios de tez de cobre. Deram várias voltas e reviravoltas, após o que começaram a lutar com vigor, tendo na mão espadas de madeira. Não tardou que os índios fossem vencidos pelos pretos, tendo-se deitado no solo durante alguns momentos, sacudindo as suas pernas no ar como se estivessem prestes a expirar e dando voltas na areia como se estivessem mortos. Após o que (...) tanto os mortos como os vivos saíram dali, tendo-se misturado com a multidão, enquanto os carros onde tinham entrado os transportaram dali para fora entre os aplausos dos presentes, tendo nessa altura entrado em cena os dois cavaleiros que iriam enfrentar os touros». Acrescenta que aqueles estavam magnificamente vestidos, com fitas de várias cores e chapéus com penas, empunhando uma comprida lança. Ambos estavam montados em belos cavalos. Observou, por fim, o comportamento da família real, num camarote perto do seu. Conta que o rei D. José estava vestido com um fato azul celeste coberto de diamantes e que tinha a seu lado

o irmão, D. Pedro, que em breve se casaria com a filha mais velha do rei (a futura rainha D. Maria I) e que, nos outros camarotes, estava a rainha (Mariana Vitória de Bourbon, filha do rei de Espanha, Filipe V) e as princesas, todas com a indumentária coberta de jóias.

Mostrou-se surpreendido com a quantidade de pretos na cidade, «pobres escravos trazidos de diversas partes de África e levados contra a vontade para as colónias americanas, para as ilhas Terceiras ou para outras regiões sujeitas à coroa de Portugal»⁴. É severo quanto à miscigenação das raças, criticando o número de mulatos que vira, admitindo até haver poucas famílias portuguesas que se mantivessem «europeias puras». Refere a carestia de vida e a forma como esta afectava os habitantes da cidade: «E a tantos, tantos e tantíssimos danos e males, juntai a grande carestia de todos os víveres que os obrigou a comer não só a carne crua das galinhas e animais próprios para alimentação, que tinham ao seu alcance, mas também a dos cães, dos gatos e dos ratos, e ainda erva, as raízes, as folhas e a casca das árvores, para aplacarem a fome desesperada, mais do que para prolongar a vida.» Considerou que a ciência portuguesa, com excepção de Camões e de D. Jerónimo Osório, nada tinha produzido de valia⁵.

Sobre o físico e a indumentária dos nobres portugueses era crítico. Além de os achar gordos e barrigudos, diz que os seus trajos raramente eram de bom gosto, uma vez que gostavam de cores demasiado garridas, a fim de dar nas vistas. Era mais benevolente quanto aos trajos femininos, louvando as pedras preciosas que as fidalgas ostentavam, embora achasse ridículos os seus penteados, com um montinho no topo da cabeça, o que as fazia aparentar pertencer à família das galinhas da Índia. Note-se o que vem a seguir: «É coisa singular ver como os portugueses honram em público as mulheres que lhes não pertencem, mas pelo que me têm dito, quando as mí-

4 No século XVI, existia uma numerosa comunidade de pretos em Lisboa, nem todos pertencentes às classes baixas. Ver os dois quadros exibidos, em 2017, no Museu Nacional de Arte Antiga, que aparecem reproduzidos no respectivo catálogo, *A Cidade Global, Lisboa no Renascimento*, MNAA, 2017. O nome do pintor, que se supõe ser de origem holandesa, é desconhecido.

5 Jerónimo Osório da Fonseca, bispo do Algarve (Lisboa, 1506 — Tavira, 1580) foi um humanista e teólogo português. Publicou várias obras, das quais se destacam *De Nobilitate Civile et Christiana* (1542), *De Gloria* (1549), *De Justitia Coelesti* (1564) e *De Vera Sapientia* (1578). Ver Castelo Branco Chaves, *op. cit.*

seras caem em seu poder pelo Himeneu [casamento], os malvados tratam-nas geralmente muito mal por ciúmes», acrescentando que «Para se desculpar do mau tratamento que aqui dão às mulheres, o português diz que estas lhas pregam sempre que podem». Seja como for, atribui a possível culpa dessa conduta à má educação que as crianças do sexo feminino recebiam em Portugal. E refere ainda a forma ridícula como os ricos vestiam os seus filhos, imitando os trajes dos adultos: «Em Inglaterra, os rapazes e as raparigas, mesmo os que são filhos e filhas de *earls* e duques, nunca aparecem em público como se fossem anões masculinos ou femininos.»

Durante um passeio, Baretto foi insultado e apedrejado por um bando de maltrapilhos. Após o que sentencia: «A população portuguesa é a escumalha da população, e nem sequer digna de ser comparada à mais baixa ralé dos países idólatras e maometanos, porque nem os gentios podem tratar mais inospitadamente os estrangeiros do que me tratou e aos meus companheiros aquela vilíssima turba». A plebe, sendo ignorante e bárbara por falta de educação, «é todavia naturalmente devota de Nossa Senhora e dos Santos; nem se pode andar por estas ruas sem se verem muitos homens e muitas mulheres com o seu rosário na mão», referindo, em tom crítico, que não deviam existir cristãos no mundo que fossem tanto às igrejas quanto os portugueses, «nem que, como eles, façam celebrar ou ouçam missas em abundância, não somente nos dias festivos como até nos dias de trabalho».

No dia 2 de Setembro, contava: «Tenho andado a visitar as ruínas causadas pelo sempre memorável terramoto que sacudiu os dois reinos de Portugal e dos Algarves e grande parte de Espanha e que se fez terrivelmente sentir na terra e no mar em muitas regiões, no ano de 1755, em dia de Todos os Santos. Misericórdia. É impossível descrever o horrível espectáculo que essas ruínas apresentam e que hão-de ainda talvez apresentar por mais de um século, porque mais de um século será preciso para as remover».

No dia seguinte, esteve presente na festa onde seria colocada uma pedra para ser lembrado o terrível acto que estivera para ser cometido na pessoa do rei D. José⁶. Baretto é céptico quanto à existência da

6 Deve tratar-se do Beco do Chão Salgado, em Belém, o local designado para se celebrar a memória da condenação e da execução do duque de Aveiro e seus cúmplices na